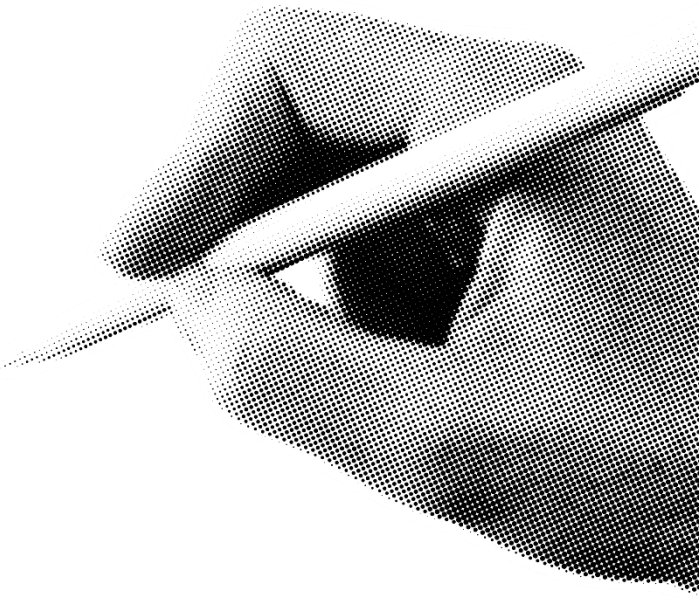
Revista
Saber
Psicanalítico

VOL 1 • N 1
(DEZ. 2025-MAI. 2026)





EDITORIAL



A criação de uma revista científica implica um posicionamento ético diante do saber e da cultura. Para a **Associação Saber Psicanalítico** (ASP), lançar esta Revista Eletrônica de Psicanálise representa a continuidade de um trabalho (ético, sério e profundo) que, desde sua fundação, aposta na Psicanálise como prática teórico-clínica e dispositivo crítico de leitura do mundo contemporâneo.

Fiel à tradição psicanalítica, a ASP sustenta que o saber não se transmite de forma totalizante ou definitiva, mas se constrói no trabalho com a falta, com a incompletude e com aquilo que insiste em escapar às respostas prontas. É nesse horizonte que esta revista nasce: como um espaço de elaboração, investigação e diálogo, dedicado à publicação semestral de pesquisas acadêmicas e produções técnicas em Psicanálise, em interlocução direta com o laço social hodierno.

Os impasses do nosso tempo — *novas formas de sofrimento psíquico, transformações no laço social, reconfigurações da clínica, atravessamentos tecnológicos, educacionais e institucionais* — convocam a Psicanálise a sustentar sua função crítica sem abdicar do rigor conceitual e da ética da escuta. Esta revista se propõe a acolher produções que venham a contribuir com o avanço da teoria e da técnica psicanalíticas, naquilo que o fundador da Psicanálise, Sigmund Freud declarou ao dizer que cada um/uma dê de si para a causa Psicanalítica.

Ao reunir artigos teóricos, pesquisas empíricas, estudos de caso, relatos técnicos e resenhas críticas, a revista reafirma o compromisso da ASP com a articulação entre teoria, clínica e pesquisa, entendendo que é desse entrelaçamento que emerge uma Psicanálise viva, capaz de responder às exigências de seu tempo sem se submeter às lógicas da adaptação, da normatização ou da medicalização do sofrimento.

O formato eletrônico e a periodicidade semestral expressam, ainda, o compromisso da Associação Saber Psicanalítico com a circulação ampla do conhecimento, o incentivo à produção acadêmica e o fortalecimento do diálogo entre pesquisadores, docentes, estudantes e profissionais da clínica. Trata-se de um espaço aberto à pluralidade de abordagens dentro do campo psicanalítico, desde que sustentadas pelo rigor teórico, metodológico e ético que fundamenta a prática analítica.

Esta edição especial de lançamento inaugura, portanto, um projeto que se inscreve na trajetória da ASP como um lugar de transmissão, pesquisa e responsabilidade com a Psicanálise. Que esta revista possa operar como um dispositivo de encontro, questionamento e produção de saber psicanalítico.

Seja bem-vinda(o) a este espaço de trabalho e reflexão. Vamos juntas!

Por
Edson Leandro de Almeida
Editor

REVISTA SABER PSICANALÍTICO
Rua Visconde de Inhaúma, 1361, Sala 408, Maurício de Nassau, Caruaru/PE
CNPJ: 44.966.907/0001-85
www.asppsicanalise.com.br
revistasaberpsicanalitico@gmail.com

Conselho Editorial
Adnrea de Lima Ribeiro, Edson Leandro de Almeida, Gilvania Lima Magalhães, José Aniervson Souza dos Santos, Samuel Barbosa da Silva.

Editor
Edson Leandro de Almeida

Projeto gráfico
José Anierson Souza dos Santos

Diagramação
José Aniervson Souza dos Santos

Imagem da Capa
Freepik (www.freepik.com)

Imagens
Freepik (www.freepik.com)

Um projeto da:

ASP ASSOCIAÇÃO SABER PSICANALÍTICO



Follow us on Instagram: /ASPpsicanalise

Licença Creative Commons
O trabalho **Revista Saber Psicanalítico** www.asppsicanalise.com.br foi licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição 3.0 Não Adaptada. Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em www.asppsicanalise.com.br

03 Editorial

07 Do eu abandonado ao eu que abandona: um estudo sobre o abandono e suas heranças

23 O Desejo do eu e a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos

42 Dimensões psicanalíticas da asma brônquica: da psicodinâmica clássica às estratégias de intervenção integrada

50 O papel do brincar no desenvolvimento do self: uma abordagem psicanalítica

53 A acolhida do analisante e o singular no setting analítico



DO EU ABANDONADO AO EU QUE ABANDONA: UM ESTUDO SOBRE O ABANDONO E SUAS HERANÇAS

Maria Stefany de Almeida Silva[1]
Ubiracelma Carneiro Cunha[2]

RESUMO

Este artigo buscou compreender o contexto do abandono afetivo e seus impactos nos relacionamentos interpessoais, tendo como auxilio o olhar da psicanálise acerca dos traumas oriundos do abandono. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual foi realizada uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados: SciELO e BVS- PSI. Compreende-se que há influências no cenário de heranças geracionais que perpassam o afeto na função parental, sendo aspectos motivados tanto pelo inconsciente quanto pelo consciente. Assim, se faz importante perceber de que forma o sujeito se defende dessa situação traumática original e como ocorre a transferência para suas relações futuras. Neste cenário, a psicoterapia pode contribuir para o rompimento desse padrão de comportamento, oriundo de traumas de abandono.

Palavras chave: Abandono afetivo; Heranças; Relacionamentos interpessoais.

FROM THE ABANDONED SELF TO THE ABANDONING SELF: A STUDY ON ABANDONMENT AND ITS LEGACIES

ABSTRACT

This article sought to understand the context of emotional abandonment and its impact on interpersonal relationships, drawing on psychoanalysis to examine the traumas resulting from abandonment. This is a qualitative study, in which a narrative review of the literature was conducted in the SciELO and BVS-PSI databases. It is understood that there are influences in the scenario of generational inheritance that permeate affection in the parental role, with aspects motivated by both the unconscious and the conscious. Thus, it is important to understand how the subject defends themselves from this original traumatic situation and how the transfer occurs to their future relationships. In this scenario, psychotherapy can contribute to breaking this pattern of behavior, which stems from abandonment trauma.

Keywords: Emotional abandonment; Inheritance; Interpersonal relationships.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade muito se discute sobre a importância de criar uma criança a partir do afeto e boas referência para que ela cresça se sentindo segura e confiante, pois foi entendido que a ausência de afeto traz severas consequências, que impactam tanto a infância quanto a vida adulta.

A necessidade de estudar acerca desse tema está presente desde muito tempo, devido as consequências oriundas do trauma de abandono se repetirem na vida do sujeito, de modo que, muitas vezes o indivíduo não consegue controlar sozinho. A partir disso, vem a necessidade de entender como funciona esse padrão de repetição, sendo necessário voltar ao passado do sujeito, para entender a causa desse sofrimento atual e as heranças deixadas pelo abandono na infância.

O objetivo geral que norteou esse trabalho foi o de compreender o contexto do abandono afetivo e seus impactos nos relacionamentos interpessoais. Para que esse objetivo geral fosse alcançado, houve o auxílio de três objetivos específicos, que foram: identificar características do abandono afetivo, analisar as possíveis heranças desse tipo de abandono nos relacionamentos interpessoais e por último e refletir sobre os possíveis fatores de proteção que reduzam os impactos dessa experiência de abandono.

Este estudo se apresenta a partir de três seções e três subseções, na primeira seção é apresentado as características do abandono afetivo, tais como, o conceito de abandono, desamparo, afetividade, traumas, abandono paterno e teoria do apego. Na segunda seção, é exposto as heranças que contemplam a vida do indivíduo com trauma de abandono, tais quais, o conceito de inconsciente, a repetição sem controle do trauma e como funciona a relação amorosa. E, por fim, a terceira explica a importância da psicoterapia, como fator de proteção para o rompimento do ciclo de abandono, e também como auxilio para autoconhecimento para que o sujeito se encontre dentro de si mesmo.

2 CARACTERÍSTICAS DO ABANDONO AFETIVO

2.1 Conceito De Abandono Afetivo

Para que os vínculos humanos se estabeleçam fortes e duradouros, é

necessário que o sujeito que experimenta tais vínculos tenha possuído relações estruturantes em sua infância. De acordo com o estudo do psicólogo e psicanalista Daniel Schor, acerca do que é abandono afetivo, pode-se concluir que:

> Trata-se, assim, de deformidades que significam verdadeiras estratégias de sobrevivência psíquica, de que a subjetividade termina por lançar mão em decorrência do exílio a que foi submetida. Por esse motivo é que, em nosso entendimento, tais dimensões tornam-se as ressonâncias principais pelas quais podemos escutar o relato de uma história traumática; os ecos mais nítidos pelos quais se pode apreender os efeitos de uma situação de abandono afetivo radical ou precoce (Schor, 2017, p. 36).

De acordo com Mendes, Almeida e Melo (2021), quando relacionamos a questão afetiva no viés psicológico, é possível perceber que, qualquer ação humana que não esteja dominada de afetos, não há possibilidade de acontecer, tanto no âmbito cognitivo, social e intrapsíquico, pois o afeto é indispensável para que haja manutenção das relações humanas.

No que se refere a afetividade, Barros e Bandeira (2020), consideram a afetividade, como a qualidade psíquica que abrange um conjunto de fenômenos que, aparecem no formato de emoções e sentimentos, tais quais podem ser, alegria e tristeza. De acordo com Brasil (2002, *apud* Araújo e Moucherek, 2022), a afetividade tem um valor jurídico, por isso não pode ser excluída, tendo então que estar sempre presente nos vínculos e relacionamentos parentais.

Como já foi mencionado, o afeto é um fator estruturante da manutenção das relações humanas. Nasio (1995), psicanalista e psiquiatra francês, ao falar da analise mutua realizada entre Ferenczi e Groddeck, pontuou sobre a necessidade de ternura e segurança, pois em uma relação extremamente objetivante e manipuladora não poderia ser desenvolvido uma segurança básica.

O sentimento de desamparo, pode estar presentes nas relações em qualquer fase da vida, desde a infância ou vida adulta, a depender da intensidade do trauma, ele pode se apresentar de forma mais presente ou distante.

Laplanche e Pontalis (1988/2022) explicam as variações do significado do trauma. Na visão da medicina significa ferida, porém ao ser trazido ao campo da psicanalise, o termo choque violento também pode ser empregado. O trauma então, seria um acontecimento gerado na vida do indivíduo a partir de sua intensidade. Para

que haja a concreta execução do trauma, o sujeito que o experiencia, possui a incapacidade de reagir diante do mesmo, de forma adequada, pois o trauma acarreta uma desordem psíquica na vida do indivíduo. Visto de outro modo, seria um excesso de excitação que o sujeito seria incapaz de controlar. Schor (2017), diz que a angustia é a consequência imediata do traumatismo, pois a angustia é um sentimento de inabilidade na adaptação de situações de desprazer.

Com base nas ideias de Freud (1927/2011 *apud* Oliveira e Ceccarelli, 2019) o nosso desamparo é primordialmente antes de tudo, referentes as forças da natureza, como ciclones, tsunamis. No entanto, muito além das forças da natureza, remete também a uma infância desprotegida, na qual, todos os indivíduos acreditam que, seus pais são heróis que o protegeriam de tudo.

A sociedade tende a estipular os papeis que cada um deve desempenhar. Azevedo e Arrais (2006 *apud* Coelho; Prudente, 2019) salientam que, a maternidade é uma construção social, que dita qual deve ser o comportamento feminino e o diferencia do comportamento masculino, atrelando a função materna a responsabilidade de cuidar dos filhos. Ao pai, também cabe a responsabilidade de cuidar dos filhos, tendo em vista que, quando esse cuidado paterno perde lugar para a ausência paterna, os prejuízos são inúmeros. A partir disto, é importante entender que, cada um precisa desempenhar a sua função, para que a criança cresça segura. “Um pai não pode ser uma mãe; da mesma forma uma mãe não pode substituir um pai” (Dor, 1991, p.57).

Na sociedade, é comum atrelar a função paterna ao termo herói. Klein (1970) enuncia que, um bom pai, é aquele que sempre busca ajudar seus filhos, tanto no campo do desenvolvimento, quanto no das dificuldades. Porém, mais do que isso, um bom pai é aquele que ressignifica a sua própria infância.

No caso de um pai ou quem desempenha essa função, não conseguir suprir essas necessidades, mencionadas por Klein e abandonar afetivamente a criança, muitos prejuízos se fazem presentes:

> O abandono paterno, a depender das condições em que ocorre e da qualidade de afeto ou desafeto proveniente dessa figura, pode ser caracterizado como trauma, uma vez que é um evento de forte impacto à vida psíquica do sujeito que o vivencia, especialmente na infância e adolescência, quando não existem condições emocionais de lidar com tal experiência, ou ambiente acolhedor que pudesse sustentar a falta. (Soares, 2021, p.14).

O abandono afetivo paterno, no âmbito jurídico se configura como um dano extrapatrimonial, pois é do campo imaterial. Saraiva e Rezende (2021), mencionam que, esses danos extrapatrimoniais, se mostram de forma vigente em dois pontos de vista: Nos quais o primeiro se refere a lesão no aspecto moral, pois impacta de forma direta a dignidade da pessoa humana que o sofre e o segundo, se refere a aspectos subjetivos, pois degradam o subjetivo da pessoa humana, no âmbito das emoções, como dor, sofrimento, tristeza e etc.

Domingues e Castro (2022) expõem que as consequências do abandono paterno podem estar presentes não só na infância, como também ao longo da vida caso não sejam ressignificadas. Ao não ser amada pela figura paterna, a criança pode se ver como, um incomodo para aquele que a abandonou, achando que é a causadora do abandono.

Schor (2017) compreendeu a partir dos estudos do psicanalista húngaro, Sandor Ferenczi, que a criança inicialmente pode interpretar que há algo de errado com sua família, porém com o passar do tempo e com a opinião induzida pelos adultos, a criança passa a achar que o problema está nela mesma, pois nunca lhe foi dada a chance de duvidar do contrário, moldando assim sua personalidade na ideia que, ela mesma é a causadora. A criança então, fazendo suas próprias interpretações, achando-se causadora do sofrimento daquele que ama, pode sentir necessidade de, tentar socorrer quem a abandonou do sofrimento que acredita ter causado, tendo assim dificuldade de encontrar um lugar seguro, no qual possa existir (Winnicott,1967/2019).

A ausência de um lugar seguro remete a um trecho de uma carta de Freud citada por Nasio (1995), na qual Freud parafraseando Goethe lamenta a morte precoce de Ferenczi pronunciando o seguinte trecho: “O que fizeram contigo, pobre criança?”. Freud, ao citar essa frase, explicou em poucas palavras, sobre os impactos que as relações primárias não estruturantes, trazem na vida do sujeito, tendo em vista que os impactos reverberam não só na infância, como na vida adulta também.

John Bowlby, psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, trouxe grandes contribuições acerca das relações primárias, ao desenvolver a teoria do apego. As relações primárias do indivíduo, possuem grande influência nas relações que o sujeito terá ao longo de sua vida, se o vínculo que o sujeito possuiu com suas figuras parentais remeta a sentimentos de cuidado e proteção, a criança se sentira segura, por exemplo para pedir ajuda quando sentir que precisa, caso não, a insegurança de

suas relações primárias, passarão a nortear suas relações futuras (Bowlby, 1989 *apud* Lippold *et al*, 2022).

Bowlby (1989;1990 *apud* Bassani, 2019) enfatiza que o ser humano nasce propenso a estabelecer laços emocionais estreitos, sendo este um componente básico da natureza humana. Durante as primeiras fases de desenvolvimento, é de extrema importância que os laços parentais sejam de qualidade, estabelecendo e promovendo proteção à saúde mental futura de um indivíduo.

Existem quatro tipos de apego, explanados na teoria de Bowlby (1969/2022): o apego seguro, o apego ansioso, o apego evitativo e o apego desorganizado. As crianças que possuem o apego seguro, tendem a demostrar sentimentos positivos a si mesmas e aos outros, já as que possuem apego ansioso, evitativo e desorganizado, normalmente possuíram cuidadores, que não puderam atender as suas necessidades básicas.

É possível perceber a partir dos estudos de Bowlby, que não há apenas um dano causado ao sujeito negligenciado, em suas relações primárias, pelo contrário, pode haver muitas implicações na vida do sujeito, que podem vir a ser tanto no âmbito afetivo, quanto existencial.

> Nesse contexto, aponta-se o dano existencial como decorrente do evento abandono afetivo, o qual, por vezes, não gera humilhação, vergonha, mas influi significativamente na trajetória de vida dos filhos, lhes impedindo de ter um desenvolvimento saudável e pleno, constatável de forma objetiva. (Vieira 2020, p.38).

A experiência de abandono, é algo que mesmo ocorrida na infância, mobiliza o sujeito, tanto na infância quanto na vida adulta, pois, sentindo-se incapaz de ser amado pelo seu objeto de amor idealizado, sentimentos como o de desamparo podem vir à tona. Barbosa, Campos e Neme (2021), falam sobre a consequência dessa falta de amor, onde o indivíduo se sente desinteressado pelo mundo exterior e incapaz de investir em novos objetos de amor, tendo assim um comportamento destrutivo com ele mesmo. Impossibilitando a existência de um amor próprio e fazendo com que o sujeito abandonado, se perca buscando o objeto de amor perdido.

Pereira (2023) aponta que, o abandono afetivo paterno, traz um dos danos mais severos, que é o psicológico, pois além de trazer impactos para a vida adulta do sujeito, afeta de modo extremamente negativo, as relações interpessoais do sujeito.

Rupi Kaur (2017), poetisa indiana, traz em um dos seus poemas, o impacto que

a falta de segurança nas relações primárias, traz nos futuros relacionamentos interpessoais do indivíduo com trauma de abandono, quando escreve que, se tivesse experienciado a segurança de perto, pouco teria sido o tempo que teria passado, caindo em braços que não eram seguros.

3 HERANÇAS DO ABANDONO AFETIVO NOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

3. 1 O Eu Abandonado Se Torna O Eu Que Abandona

São muitos os mecanismos de defesa, que atuam no inconsciente do indivíduo que possui trauma de abandono. Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra austríaco é considerado o pai da psicanálise e possui o inconsciente como ponto alto de sua teoria. Silva e Lucena (2021) explicam que, a psicanalise emprega o termo inconsciente, tanto como adjetivo quanto como conceito, pois designa tudo aquilo que, está para além do campo da consciência e funciona de forma dinâmica também no campo psíquico.

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicanalista suíço, foi o fundador da psicologia analítica e desenvolveu sua teoria a partir dos arquétipos. Lacerda Alessandra, Lacerda Aline e Paula (2022), explicam que para Jung, os arquétipos são símbolos que representavam os instintos dos impulsos humanos e que seriam porta de entrada para o inconsciente. Pearson (1994/2017), explicou sobre dois grandes arquétipos, que remetem a situações de abandono, o primeiro que é o arquétipo do inocente, vive dentro do indivíduo e se envolve repetidas vezes em contextos que tragam sofrimento a ele mesmo, de modo com que seja sempre ferido e maltratado, o segundo arquétipo mexe diretamente com a criança interior, fazendo com que, haja sempre o sentimento de abandono, traição, negligencia e desilusão. Esses arquétipos localizados no inconsciente, vem à tona quando o trauma de abandono se faz presente

O trauma é atemporal, pode se manifestar em qualquer fase da vida do sujeito, podendo assim vir à tona, quando não é esperado que ele se manifeste. Quando o que era inconsciente, surge no consciente, o indivíduo precisa de mecanismo que o auxiliem nesse retorno do que até então, estava recalcado. Nasio (2013), explica que o retorno do recalcado é, um retorno ao passado, ao que estava esquecido e

volta a ser vivenciado no presente de forma repetitiva.

O trauma pode se repetir, sem que o sujeito perceba. Freud (1914/2017), em seu texto *Recordar, repetir e perlaborar*, esclarece que, não há a lembrança do que foi esquecido e recalcado, porém, mesmo que não haja a repetição em forma de lembrança, há como ação, uma repetição sem ter consciência que repete. Schor (2017) diz que, o sujeito repete, como se de fato a situação traumática estivesse ocorrendo naquele momento.

No texto *Além do princípio do prazer* de Freud (1920), essa incessante repetição do eu, é explicada como uma inclinação do eu, a reorganizar, tudo que ficou inconclusivo e fora do lugar na vida psíquica do sujeito, funcionando como um mecanismo de manutenção que preza pela integridade do indivíduo.

É comum que, dentro de qualquer relação, principalmente amorosa, haja idealização da pessoa amada, pois além de expectativa, há também muita repetição das relações primárias do indivíduo, seja positivamente quanto negativamente:

> Quando nos apaixonamos por alguém, a coisa funciona assim: nós lhe atribuímos qualidades, dons e aptidões que ele ou ela, eventualmente não tem: em suma, idealizamos nosso objeto de amor. E não é por generosidade; é porque queremos e esperamos ser amados por alguém cujo amor por nós valeria como lisonja. Ou seja, idealizamos nosso objeto de amor para verificar que somos amáveis aos olhos de nossos próprios ideias (Calligaris, 2019, p.89).

Essa inclinação, de ser amado a partir dos próprios ideais, é um retorno ao passado. O sujeito ama e é amado como suas figuras parentais o amaram um dia. Até que haja um rompimento dessa estrutura padrão de comportamento, isso continuará a acontecer, não há como negar o que é vivo no inconsciente. Freud (1925), traz em seu texto *A negação*, que é negando que se toma conhecimento do que está recalcado, mesmo que não seja admitido. O eu, tem uma tendencia a colocar para fora o que considera negativo e para dentro o que considera positivo. Para fora, seria levado ao inconsciente, tudo que é difícil de lidar e para dentro, seria levado ao consciente, o que é mais fácil de lidar.

Conforme diz Nasio (1995, p.92) “O horror, não é fácil de conservar em nossa memória; preferimos esquecer”. Por isso, o eu abandonado, quando ainda não tem estrutura para ressignificar o abandono, nega, coloca para fora, tudo que o remeta a situações de abandono.

4 FATORES DE PROTEÇÃO NO CONTEXTO DO ABANDONO AFETIVO

4.1 A Psicoterapia Como Fator Impulsionante Para O Surgimento Do Verdadeiro Eu

A situação traumática tem uma função imobilizadora na vida do indivíduo, o trauma por ser atemporal pode fazer com que o indivíduo pare no tempo sem perceber e não consiga pedir ajuda, se convencendo que aquilo não tem importância, trazendo impactos significativos na infância e na vida adulta. Ferenczi (1933/2011) explica que quando a personalidade não está totalmente formada, em vez de se defender, o sujeito reage se identificando com tudo aquilo que o ameaça e o agride. Fernando Pessoa (1928), poeta e filosofo português, explica em seu poema Tabacaria, como essa identificação funciona e como muitas vezes o sujeito não consegue escapar.

> Fiz de mim o que não soube. E o que podia fazer de mim não o fiz. O dominó que vesti era errado. Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. Quando quis tirar a máscara, estava pegada a cara (Pessoa, 1928).

O trauma impacta de modo significativo a vida de quem sofre com ele, revivê-lo seja a partir de situações parecidas e lembranças, faz com que ele ainda se mantenha vivo e desempenhe um forte papel na vida do sujeito. Guszmán e Derzi (2021) apontam que os sintomas aparecem a partir da lembrança do trauma e não do próprio trauma em si. Quando a decomposição da memória do trauma é feita, a lembrança do trauma pode então vir a consciência, permitindo assim que as emoções sejam colocadas em seu devido lugar e expressadas de forma correta.

Neste contexto, o indivíduo não consegue muitas vezes simbolizar a situação traumática sozinho, precisando de algo que sirva de fator de proteção para auxiliar na simbolização do sofrimento. A psicoterapia é um forte fator de proteção nesses casos, no entanto é interessante mencionar que: “nenhuma terapia pode alterar os fatos de uma vida, mas pode, isso sim, alterar a narrativa dos fatos - e isso talvez seja decisivo” (Calligaris, 2019, p. 60).

Para que o processo terapêutico possa vir a contribuir na vida do sujeito, é preciso que haja uma relação de confiança com o psicoterapeuta. A confiança é indispensável em qualquer processo terapêutico, principalmente em casos de traumas decorrentes de abandono afetivo paterno, pois o psicoterapeuta vai ser uma figura de

cuidado para o sujeito abandonado. Nasio (1995, p. 93) enumera que Ferenczi trouxe uma contribuição muito boa a nível terapêutico, pois o cuidado que ele depositava nas relações com seus pacientes, não é algo que deveria ser exclusivo da mãe e sim algo que deveria ser demostrado pelas figuras paternas ao longo da vida dos sujeitos, pois é verdade que um não pode existir sem o outro, para que a segurança básica seja instaurada.

É comum que, os seres humanos se aproximem de pessoas que remetam a suas figuras parentais primárias, pois a repetição de padrões de comportamento ocorre antes de tudo no inconsciente, a psicanalise chama essa proximidade de transferência. Laplanche e Pontalis (1988/2022) escreveram que a transferência é um deslocamento de afeto e das referências infantis vivenciadas de forma atualizada. Rupi Kaur (2017) refere-se a figura paterna quando escreve que, ele deveria ser o primeiro homem que se ama na vida e como consequência disso, ocorre a busca dele em outros lugares.

Essa busca incessante pelo objeto de amor primário, muitas vezes resulta em padrões difíceis de serem alcançados. No livro introdutório de Nasio (1995) às obras de Ferenczi, Nasio narra um dos atendimentos de Ferenczi em que, a paciente após dois anos de luta contra o trauma, disse a seguinte frase: Agora que eu o amo, posso renunciar ao senhor. A paciente identificou Ferenczi como parte de suas figuras parentais primárias, podendo então a partir dessa transferência, colocar o passado no seu devido lugar e ressignificar seu presente e consequentemente seu futuro. Ao falar, agora que “o amo posso renunciar ao senhor” ela não falava de Ferenczi, e sim de um passado distante, que ainda estava vigente, porém fora do lugar.

Para que a transferência aconteça é necessário que além de cuidado e respeito, também haja amor, pois com a existência do amor, no sentido de cuidado e preocupação, a história do sujeito pode se ressignificar. Freud (1882, p.12) em uma de suas cartas escreveu que: “como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada”. O indivíduo vítima de abandono afetivo precisa se sentir seguro para que o processo terapêutico caminhe.

Calligaris (2019) explica que a psicoterapia, incluindo a psicanálise, não tem intenção de estabelecer um ideal de normalidade, na verdade, o ideal de normalidade seria nada que barre o indivíduo de viver como quer, dentro dos limites permitidos a partir de sua constituição como pessoa. Ele também explica sobre a ideia de cura, dentro do processo psicoterapêutico:

> Quando a ideia de que curar seria levar de volta um sujeito ao estado anterior a doença, é óbvio que uma psicoterapia não funciona nunca como a extirpação cirúrgica de um cisto ou como a exterminação de uma bactéria, atos que devolveriam o corpo a seu estado anterior. Uma psicoterapia é uma experiência que transforma; pode-se sair dela sem o sofrimento do qual a gente se queixava inicialmente, mas ao custo de uma mudança. Na saída, não somos os mesmos sem dor; somos outros, diferentes (Calligaris, 2019, p. 120).

Outro processo importante, para o entendimento do trauma, é o autoconhecimento. Segundo Nascimento (2020) a ausência de autoconhecimento, leva a ciclos repetitivos, e a psicoterapia, feita de forma cuidadosa, pode auxiliar no rompimento desses ciclos repetitivos. O abandono gera muitas vezes solidão e pode ser perigoso as coisas que são feitas por medo de ficar sozinho consigo mesmo. Mary Shelley (1818) escreveu a obra Frankenstein, a qual conta a história de um homem, que ao se mudar para estudar longe da família, se sente tão sozinho que decide dar vida a matéria inanimada, criando um monstro a partir de restos de animais e pessoas; Ao dar vida ao monstro sente medo daquilo que ele próprio criou, sem saber como reagir, abandona o mostro a própria sorte, fazendo com que o mostro queira se vingar de seu criador. Nessa obra, o eu abandonado não tem outra condição psíquica, além de abandonar, tal como as crianças abandonadas, repetem o abandono que passaram em seus relacionamentos e o trazem para a vida adulta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste cenário, observou-se a importância das relações primárias estruturantes na vida do sujeito, dando ênfase na sua infância, pois, como foi abordado nesse estudo, é ela que determina a forma como o sujeito se estrutura em seus relacionamentos futuros.

O sujeito que possui traumas de abandono, tende a repetir a situação traumática de forma não consciente, muitas vezes entrando em relações que o faça reviver o abandono, ou abandonando primeiro, como forma de auto defesa.

Evidencia-se que há necessidade de mais estudos sobre os impactos do abandono afetivo nos relacionamentos interpessoais dos sujeitos, principalmente pesquisas empíricas na área de Psicologia, para além das implicações legais deste

fenômeno na área jurídica.

A partir deste estudo também foi possível verificar a ênfase das pesquisas sobre abandono afetivo na relação mãe-filho, entretanto percebe-se a carência de se investigar também os impactos deste fenômeno na relação pai-filho.

Neste âmbito, um provérbio africano traz uma reflexão: É necessária uma aldeia para criar uma criança. Esse proverbio reforça a necessidade de segurança e cuidado, para o desenvolvimento saudável de uma criança, assim o conceito de aldeia remete a um trabalho conjunto, como deve ser o trabalho das figuras parentais que circundam a vida da criança. Para além das figuras parentais, reforça- se também os papéis desempenhados pelas avós e avôs, que não foram o enfoque desse estudo, porém sabe-se que, essas figuras desempenham uma função importante, em relação a cuidado e apego na vida dos sujeitos.

Neste contexto, não foi o objetivo deste artigo analisar como as outras relações, além das parentais, podem influenciar e impactar no âmbito do abandono afetivo, no entanto isso evidencia um outro ponto para ser explorado em futuras pesquisas.

Por fim, este estudo reforçou a importância dos estudos e aprofundamentos na área de cuidado, apego e das heranças deixadas pela ausência desses fatores, pois podem contribuir para a prática de profissionais da área infantil e familiar, além da psicoterapia individual, como forte fator de proteção para o autoconhecimento e minimização dos impactos do abandono.

[1] Psicóloga (CRP 02/29001) pelo Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). Pós-graduanda em psicologia social (FAMART).E-mail: psistefanyalmeida@gmail.com.

[2] Professora orientadora e docente do Departamento de Psicologia na UNIVISA. Psicóloga (CRP 02/18062). Doutora e Mestre em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: ubiracelmacarneiro@univisa.edu.br

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **Como escrever teses e monografia:** um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: GEN LTC, 2006.

ARAUJO, F.R.S, MOUCHEREK, M.C. Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: Uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, Paulista, 11(15), 1-10, out/nov, 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36934

BANDEIRA, A. L.; BARROS, A. M. Os crimes contra a assistência familiar: as consequências do abandono afetivo paterno na vida da criança/adolescente. **Revista Científica do UBM**, 22(42), 157-183, jan, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.52397/rcubm.v22i42.909

BARBOSA, C.G, CAMPOS, E.B.V, NEME, C.M.B. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. Psicologia USP**,** São Paulo**,** 36(190014),1-10, jun/ago,2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-6564e190014

BASSANI, P.P.P. **Narcisismo patológico e relações de poder:** contribuições a partir da teoria do apego. Repositório Institucional da UCS, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/11338/5991

BOWLBY, J. **Apego e Perda:** Apego - A Natureza do Vínculo (Volume 1). 3ª edição. São Paulo: Martins fontes, 2002.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos.** 1ª edição. São Paulo: Planeta, 2019.

COELHO, L.B, PRUDENTE, R.C.A.C. **Função materna e função paterna uma vivência contraditória:** psicanálise e cultura. Cadernos de psicologia CESJF**,** 1(1),50-75, 2019. Disponível em:

https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1976

DOMINGUES, A.K, CASTRO, M.G. **Abandono paterno e sua influência na concepção de família.** Repositório institucional Unesp, Franca, 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/238691

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FERENCZI, S. **A adaptação da família à criança**: Obras Completas, IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREUD, Sigmund. **Cartas de Sigmund Freud 1873-1939**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica.** 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão.** 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund**. Obras completas volume 14:** "O homem dos lobos" e outros textos. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GIL. A.C. **Métodos E Técnicas De Pesquisa Social.** 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GUZMAN, M.C, DERZI, C.A.M. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Rev. Subj,** Fortaleza, 21 (1), 1-14, abr. 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e9254

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** 20ª edição. São Paulo: Planeta, 2017.

KLEIN, M., & RIVIERI, J. **Amor, ódio e reparação.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

LACERDA, A.L. R, LACERDA, A.L. R, PAULA, D. S. **Arquétipos da teoria de jung e a sua aplicação na prática clínica.** Runa: São Paulo, 2022. Disponível em:

https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/25604

LAPLANCHE, J, PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanalise**. 5ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2022.

LIPPOLD, B.B, *et al*. **Os desdobramentos do comportamento de apego na vida adulta.** Disciplinarum Scientia, Santa Maria, 23(1), 109-117, mar/ago, 2022.

Disponível em: https://doi.org/10.37780/ch.v23i1.3646

MENDES, J.A.A. ALMEIDA, M.P. MELO, G.V.L.R. Abandono afetivo parental: uma (re)visão crítica, narrativa-sistemática da literatura psico-jurídica em Português**. Psicologia Argumento,** Paraná**,** 39(105), 657-588, jul/set,2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/354087971_Abandono_afetivo_parental_uma_revisao_critica_narrativa-sistematica_da_literatura_psico-juridica_em_Portugues_Parental_'affective_abandonment'_a_critical_narrative-systematic_review_of_psycho-legal_li

NASCIMENTO, M.G. **Psicoterapia: contribuições no processo de autoconhecimento e influência na qualidade de vida**. UNIPÊ, João Pessoa, 2020.

Disponível em: chrome extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.cesuca.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1948/3/MELISSA%20GUIMARAES%20DO%20NASCIMENTO.pdf

NASIO, J.D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NASIO, J.D. **Por que repetimos os mesmos erros.** 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, G.D.F. CECCARELLI, P.R. Entre a fantasia e a ilusão: o desamparo. **Polêmica,** Rio de Janeiro, 19 (2), 071-083, maio/ago,2019. Disponível em: https://doi.org/10.12957/polemica.2019.47379

PEARSON, C.S. **O despertar do herói interior:** A presença dos doze arquétipos nos processos de autodescoberta e de transformação no mundo. 2ª edição. Cultrix: São Paulo, 2023.

PEREIRA, L.H.R. **A influência da ausência paterna no desenvolvimento emocional do filho:** responsabilidade civil por abandono afetivo. Repositório UFT, Palmas, 2023. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/5749

PESSOA, F. **Tabacaria.** 1ª edição. Língua geral: Rio de Janeiro, 2015.

SARAIVA, L.M.S, Rezende, P.G**. O abandono afetivo e suas consequências.**

Runa, São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/19795

SCHOR, Daniel. **Heranças invisíveis do abandono afetivo:** um estudo

psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática. 1ª edição. São Paulo: Blucher, 2017.

SHELLEY, MARRY. **Frankenstein**. 1ª edição. Princípis: São Paulo, 2019 SILVA,

R.O, LUCENA, L.P. **Origem e deslocamentos do inconsciente em**

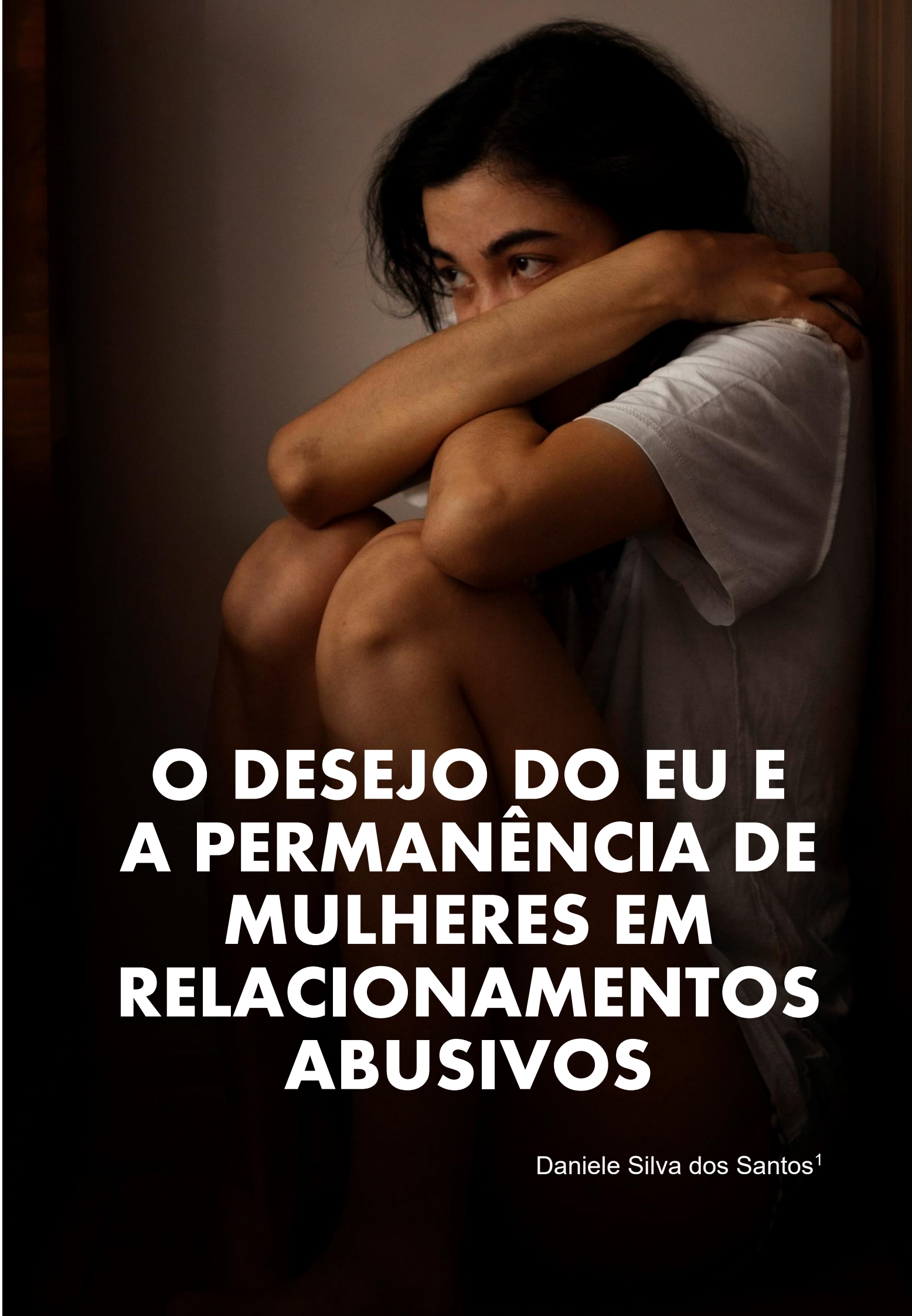
sigmund freud. Polymatheia: Revista de Filosofia, Fortaleza, 12(21), jul/dez, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5740.

SOARES, N.C.**O impacto psicológico do abandono paterno na infância.** Unifaat, São Paulo, 2021. Disponível em: http://localhost:8080/xmlui/handle/123456789/336

STAKE, R.E. **Pesquisa Qualitativa:** Estudando Como as Coisas Funcionam. 1ª edição**.** Porto Alegre: Penso, 2011

VIEIRA, I.O.S. **Abandono afetivo:** formas de prevenção aos danos causados aos filhos pela omissão parental. Locus Ufv, Viçosa. 2020. Disponível em: https://locus.ufv.br//handle/123456789/27966

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** 1ª edição, São Paulo: Ubu editora, 2019.



O DESEJO DO EU E A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Daniele Silva dos Santos[1]

RESUMO

O presente artigo busca realizar uma reflexão acerca da permanência de mulheres heterossexuais em relacionamentos amorosos avaliados como abusivos, sob um viés psicanalítico. O texto também possui o intuito de expor o adoecimento dessas mulheres por se encontrarem na presença de paradigmas biopsicossociais que induzam a preservação desses vínculos. São trazidas motivações inconscientes e fundamentos sociais que cooperam com a necessidade dessas vitimas de se manterem em tais relações. Para essa finalidade, foi elaborada uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo. Como fonte de dados, foram usados livros e obras clássicas baseados na psicanálise, e, artigos e revistas eletrônicas com corte temporal de 2019 à 2023 que abordaram a temática. Também é apresentado o impacto dos males causados por violências tanto psicológicas, quanto físicas, provocados na saúde mental dessas mulheres. O papel do profissional de psicologia perante a estas violações, também é apontado. Para maior evolução nessa demanda, é imprescindível que às vítimas reconheçam seus direitos e melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: Mulheres; Relações interpessoais; Abuso emocional; Violência; Psicanálise.

THE DESIRE FOR THE SELF AND THE PERMANENCE OF WOMEN IN ABUSIVE RELATIONSHIPS

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the permanence of heterosexual women in abusive love relationships, from a psychoanalytical perspective. The text also aims to expose the illness of these women because they find themselves in the presence of biopsychosocial paradigms that induce the preservation of these bonds. Unconscious motivations and social foundations that cooperate with these victims' need to remain in such relationships are brought to light. To this end, a qualitative literature review was carried out. As a source of data, we used classic books and works based on psychoanalysis, and articles and electronic journals from 2019 to 2023 that addressed the subject. The impact of the harm caused by both psychological and physical violence on the mental health of these women is also presented. The role of psychology professionals in dealing with these violations is also highlighted. In order to make further progress in this area, it is essential that victims recognize their rights and improve their quality of life.

Keywords: Women; Interpersonal Relations; Emotional Abuse; Violence; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos de relacionamentos tóxicos, é indispensável citar a presença do gênero feminino como maior parte no quadro de vitimas. Relações analisadas como abusivas se tornaram um tema contemporâneo que frequentemente permeia clínicas e atendimentos psicológicos. O assunto acaba gerando novos questionamentos e percepções nos dias atuais, por ter deixado de ser algo visualmente aceitável perante o social, e ter começado a ser analisado por novas bases de dados. Décadas atrás, era totalmente comum encontrar mulheres servindo ao sexo masculino por uma obrigação, nos dias atuais, esse ainda é um dos pontos que, ao ser passado por fontes transgeracionais, traz relevância para essas manutenções.

Por esse novo conhecimento social, o assunto acaba gerando novas percepções sobre a vítima. Mesmo com muitas dessas mulheres não se dando conta que de fato estão cercadas por abusos, as mesmas, acabam enfrentando julgamentos como se elas fossem culpadas pelos acontecimentos e violências causadas pelo parceiro amoroso (Silva, D e Silva, R.L. 2020, p.3). Existe uma estrutura social que dá relevância ao papel do homem por ele ser homem e a brutalidade ser um traço essencial na masculinidade, e ao mesmo tempo, destila culpa sob a mulher por ela não conseguir se livrar destas amarras.

Quando esse trabalho foi realizado, percebeu-se uma escassez na abordagem do tema perante o que causa estas permanências. Muito se fala sobre o momento da violência e o pós, mas, não havia, de forma massiva, bases bibliográficas que de fato abordassem o fator psíquico que gerasse influência nessas mulheres e na relevância que o relacionamento tem perante as mesmas. “Pensando nas diferentes formas de violência e nos prejuízos que estas podem acarretar na vida da mulher, algumas áreas de estudos da Psicologia tentam explicar porque esse tipo de comportamento acontece” (Silva, D e Silva, R.L. 2020, p.3).

Por ter se tornado uma problemática contemporânea e de maior reconhecimento à comunidade, a busca por psicólogos se tornou cada vez mais frequente em relação a este assunto. Esse artigo estuda ferramentas e manejos com a vítima, e contextos que possam gerar uma compreensão desses profissionais

perante a psique e a assimilação do conteúdo de vida com o que é necessitado por essas mulheres.

Além das matrizes estruturais trazidas pelo social, também vale citar as motivações inconscientes que geram uma saciação solicitada pelo Eu dessas vitimas. Embora tais relacionamentos gerem tantos estragos psíquicos, eles geram o abastecimento do que o desejo da vitima pede. De acordo com Guzmán e Derzi (2021), a teoria freudiana ressalta o conceito de fantasia e menciona que é impossível diferenciar os acontecimentos que de fato ocorreram, das fantasias. As cenas primárias da fantasia possuem uma realidade particular no sujeito, juntamente com os acontecimentos que de fato aconteceram. É como se nesses casos de abuso, a fantasia da vitima com o ocorrido se tornasse realidade.

Se sentir realizada com o que não é visível, ainda é uma indagação para essas mulheres. Como algo tão doentio ainda me faz sentir vontade de permanecer? Conforme Freud (1914, p.154), “podemos dizer que o analisado não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalcado, mas ele atua com aquilo. Ele não reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete sem, obviamente, saber o que repete”. Observando isso, cabe perguntar: quais processos e faltas precisam ser preenchidas por outras situações ou vínculos?

Para estabelecer o conteúdo desse trabalho, foram reunidas diversas interrogações sobre o motivo de tantas mulheres terem o entendimento que o relacionamento amoroso não está proveitoso, mas ainda assim, possuírem tanto encontro de si nestas relações. Para responder essas questões, foi dado o objetivo geral de analisar a motivação da permanência de mulheres em relações abusivas, para assim, entender o que traria estas influências gerais sobre as vitimas. Também foram estabelecidos, objetivos específicos como: investigar sobre relacionamentos abusivos, identificar motivos que prendam mulheres em tais relações e apresentar os principais impactos dessa permanência na saúde mental feminina.

O presente estudo traçou um caminho para gerar tais posicionamentos sobre a temática, e se fundamentou em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Foram utilizados livros, artigos, revistas eletrônicas e programas de audio produzidos dos anos de 2019 a 2023. Foram desempenhadas análises e perspectivas baseadas no

assunto central. A literatura psicanalítica foi o ponto alto da seleção de obras apresentadas.

Este trabalho se estrutura em sete capítulos, sendo eles: O primeiro, apresentamos a introdução e toda contextualização do artigo; justificativa; problema de pesquisa; objetivo geral e específicos e a metodologia do trabalho. O segundo capítulo relata os aspectos conceituais de um relacionamento abusivo, as consequências do machismo estrutural e o que faz uma mulher escolher o companheiro tóxico. O terceiro capítulo relata as influências que o passado tem sobre o presente, o retorno de uma necessidade que não é visível e o que faz uma mulher permanecer em um vínculo doentio. O quarto capítulo relata os danos causados por estas relações, e o papel do profissional de psicologia perante a essas vitimas, como deve seguir o vinculo paciente e psicologo. Também é relatado o *rapport* que é tão necessário nesses atendimentos. O quinto e último capítulo traz as considerações finais sobre a discussão trazida através deste estudo.

2 RELAÇÃO DE ABUSOS: ASPECTOS CONCEITUAIS

2.1 O Que É Um Relacionamento Abusivo?

Ações como controle sobre a outra pessoa, possessividade, violências de natureza psicológicas, sexuais e físicas são caraterísticas de um relacionamento abusivo. Tais relações podem ser encontradas tanto em relacionamentos amorosos, quanto em relações parentais, de amizade e empregatícias. Por hora, é de importância salientar que nem toda relação abusiva possui o mesmo padrão de comportamento do abusador para com a vítima, porque são projeções inconscientes, e que, mesmo que não haja repetições, ainda podem ser consideradas violência. De acordo com Oliveira (2007), dentro da teoria Kleiniana, a fantasia pode ser considerada uma estruturação da relação do sujeito com o que está ao seu redor. O abusador tende a expressar com a vítima o que lhe é visto como seguro naquele momento. Segundo uma estatística da ONU Mulheres, braço da Organização das Nações Unidas (ONU), para o gênero feminino, ao longo de suas vidas, 27,04% mulheres entrevistadas foram vítimas de violência psicológica, enquanto 17,27% sofreram agressões físicas e 7,13% violência sexual dentro de seu contexto doméstico.

2.2 O Poder Da Masculinidade

Ao falarmos sobre estas relações, se torna incontestável a visão de autoridade do abusador sobre a vítima. Para Arendt (1985, p. 28), “para que se possa conservar a autoridade é necessário o respeito pela pessoa ou pelo cargo. O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo […]”. Quando abordamos esse tipo de comportamento dentro de um relacionamento amoroso, e com a figura masculina como agressora, ainda nos deparamos com visões de cunho machista que expressam a conotação de um ser autoritário que possua completo comando, especialmente quando está na presença de uma mulher. Ainda podemos relatar que, mesmo com a existência de causas feministas na luta pela igualdade de gênero, a visão de soberania da figura masculina ainda é trazida em muitas famílias, desde cedo na vida do homem, por meio do machismo enraizado de crenças e ensinamentos dos modos de como deve ser a figura masculina, fator que afeta drasticamente o convívio do mesmo.

> Os ensinamentos assimilados no espaço familiar durante a infância são internalizados e tendem a ser reproduzidos durante a vida. É com base nesse processo que os homens internalizam, por exemplo, a agressividade enquanto característica inerente ao masculino, naturalizando a violência como forma permissível e aceitável de resolução de conflitos (Silva, A.F., *et al.*, 2022).

Quando citado o poder da crença do machismo estrutural na figura feminina, encontramos mulheres, principalmente idosas, que acreditam que devem permanecer até o fim de suas vidas com seus parceiros escolhidos, mesmo sendo desgastante, por não possuírem o poder de decisão em suas relações e vidas, pois o social impõe que este é um papel do gênero masculino. No momento que uma mulher, vítima do machismo, ensinado como correto, encontra um companheiro, ela é colocada, e se entregue, a um local de submissão nesse relacionamento.

2.3 A Escolha Do Parceiro Abusivo

De acordo com Sanches (2018 *apud* Sales, 2020 p.20), as escolhas amorosas podem acontecer de duas formas diferentes; buscando no outro o que se deseja ser ou buscando algo que foi perdido em si. O fundamento se dá através de uma necessidade narcísica, de preenchimento do Eu, quanto vítima de seu próprio Eu. A falta tende a ser tão insuportável que se necessita de uma reposição daquilo que não

está presente, partindo por um lado de preenchimento com a presença do outro. Segundo a perspectiva do criador da psicanálise, Sigmund Freud, sobre o inconsciente (1915), existem processos inconscientes que buscam objetos que garantam a realização do desejo, assim, correlacionando com a relações tóxicas, as mulheres que escolhem companheiros abusivos não possuem consciência nítida dos males de tal relação. O fantasioso, que é suprido através do relacionamento amoroso com tais abusadores, permanecerá como foco, por saciar a fonte do desejo. “Sentimo-nos à vontade, confortáveis e extraordinariamente "corretos" com a pessoa com quem podemos nos comportar familiarmente e sentir todos os sentimentos familiares” (Norwood, 2011 p.140).

> Inconscientemente a mulher que ama demais escolhe o parceiro, com base no homem que melhor pode receber atenção e acolhimento lhe dá garantia de que não irá abandoná-la ficando do seu lado pelo sofrimento que passa por ele em troca do amor dele. O medo de abandono da mulher sofrido na infância irá se transformar em uma obsessão por ser aceita por alguém. Essa obsessão é na realidade a incapacidade de agir sobre si mesma. O medo mais a obsessão irá gerar um vício de ser sempre necessária para o homem (Almeida, 2005 p. 20 *apud* Sales, 2020, p.25).

Um dos pontos-chave nessa escolha, conforme Pinto (2019) referenciando a visão Lacaniana, é a falta. Será procurado aquilo que sacie o que não houve encontro. O que falta no Eu será procurado para satisfazer o desejo do que é faltante. Por isso, podemos dizer que o desejo é algo negativo dentro do narcísico, já que o que não é encontrado e precisa ser suprido se torna uma fantasia que traz a saciação da necessidade do que é pedido. Se não se pode ter, e precisa ter, cria-se uma visualização que permita que se tenha. É como se o único indivíduo que gerasse interesse, fosse o indivíduo que saciasse tais exigências pulsionais. “[…] podemos dizer que há uma aposta nos objetos parciais, aposta no sentido de encontrar neles algo poderoso que dê conta da falta, ou seja, da completude” (Silva, J.M., 2021). É relatado por Ribeiro (2023), em um programa de áudio:

> Uma criança que não viveu um apego seguro - que recebeu violência de quem deveria receber cuidado, que na busca por acolhimento recebeu repressão - vira um adulto que, por um lado, pode ter dificuldade de sair de relacionamentos violentos porque a violência ficou equiparada ao afeto, e, por outro, pode romper vínculos saudáveis porque a intimidade ficou equivalente ao perigo (Ribeiro, 2023).

Conforme o psicanalista e psiquiatra francês Nasio (2007 p.11), o Eu se submete a encontrar maneiras para que se defenda do desejo de dois modos; recalcando o que é desejado e criando uma nova fantasia que possa substituir o objeto de desejo, assim, acarretando um determinado alivio ao Eu. Quando correlacionamos estes meios de proteção ao relacionamento afetivo, podemos trazer a substituição do que é faltante na infância para a visualidade do parceiro amoroso perante à a necessidade de substituição da vítima. “Talvez o auge do amor partilhado consista no furor dos parceiros em se transformar um ao outro segundo suas respectivas fantasias” (2007 p.19). O escritor e psicanalista Contardo Calligaris relata em uma de suas obras:

> Quando nos apaixonamos por alguém, a coisa funciona assim: nós lhe atribuímos qualidades, dons e aptidões que ele ou ela, eventualmente não tem: em suma, idealizamos nosso objeto de amor. E não é por generosidade; é porque queremos e esperamos ser amados por alguém cujo amor por nós valeria como lisonja. Ou seja, idealizamos nosso objeto de amor para verificar que somos amáveis aos olhos de nossos próprios ideais (Calligaris, 2019, p.89).

De acordo com Freud (1914, p.154), o indivíduo não vai se lembrar de forma consciente daquilo que sente falta e lhe foi recalcado, mas ele irá buscar inconscientemente e irá repetir a busca de forma que nem ele mesmo se dê conta. Um exemplo disso, seria uma mulher que sempre sentiu a falta do comparecimento da presença materna e não se deu conta por ainda possui-la fisicamente por perto, não seria viável instintivamente para a mulher implorar para que a mãe lhe transfira o cuidado e zelo materno, já que a presença física da mãe ainda está ali, e ela se dá conta do acompanhamento superficial da mesma ao seu lado, assim, a busca se tornaria uma necessidade que foi recalcada pela mesma. Mas, de forma inconsciente existirá um retorno desse recalcado e uma repetição pela busca dessa presença da mãe suficientemente boa em outras relações, como de amizade e principalmente amorosas. Se não é possível suprir essa falta por quem deveria ter suprido, será procurado em outras pessoas o que o inconsciente tanto pede.

Muitas mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos, repetidamente, se encontram nessa necessidade de suprimento da falta, de forma que só consigam se encontrar diante da solicitação do que precisam preencher em si mesmas.

> Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra

> com ideias libidinais antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de se tornar consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação dessa atitude (Freud, 1912a, p.111).

Como dito por Freud na citação anterior, estar em um relacionamento considerado tóxico, reconhecendo a realidade deste relacionamento, é se enxergar merecedora do que está sendo vivenciado. Se está acontecendo, é por que deveria estar acontecendo, e isso torna a mulher desta relação, vítima de tais abusos.

3 O EU DO PASSADO E SUAS INFLUÊNCIAS NO PRESENTE

3.1 O Retorno Do Recalcado

O retornar ao que precisa ser suprido também pode ser visualizado dentro da teoria psicanalítica através do texto “A perda da realidade na neurose e psicose” (1924, p.280), de Freud. Logo no primeiro tópico, é relatado o afrouxamento do convívio do ser com a realidade, justamente, por haver um conflito a partir do recalcamento da pulsão. O Eu, nesse processo de adaptação com o simbólico, não irá se desprender da realidade de fato, mas sim, irá substituí-la. Neste caso, a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos seria motivada pela substituição do objeto de falta por um novo objeto que se dispusesse a ser colocado no local. A personificação da mãe ausente, sendo usada como exemplo mais uma vez, seria representada pelo parceiro amoroso.

> Mas a psicanálise nos ensinou: quando o objeto originário de uma moção de desejo foi perdido em consequência de recalcamento, ele vai ser representado, com frequência, por uma série infindável de objetos substitutos, dos quais, entretanto, nenhum vai bastar completamente. Isso pode nos explicar a inconstância na escolha de objeto, a “fome de estímulo”, que tantas vezes caracteriza a vida amorosa dos adultos (Freud, 1912b, p.150).

Conforme Nasio (2013), não é como recordação ou memória latente que esse passado irá voltar à tona no convívio do ser, mas sim, como ato inconsciente e que não haja conhecimento de vivência. Um retorno que traga felicidade ou sofrimento ainda será um retorno que contribuirá para a estruturação do indivíduo. É como se houvesse um apanhado de junções que irão construir escolhas, preferências e atos e estes produzirão a subjetividade do Eu. Também é dito pelo autor que:

> Temos, portanto, o retorno em um ato sadio de um passado afetivamente intenso, conturbado e recalcado; e o retorno em um ato patológico de um passado não simplesmente conturbado, mas traumático. Completo dizendo que o passado traumático é foracluído e recalcado. […] Por enquanto, digamos que a primeira forma de repetição em ato é a de um inconsciente que assimilamos às pulsões de vida que visam estender o ser. A outra forma de repetição em ato é o retorno de um passado traumático. É a atualização violenta de um inconsciente que assimilamos às pulsões de morte, que, ao contrato das pulsões de vida, reduzem o ser ao núcleo de um trauma. As pulsões de vida ligam, interligam e ampliam o ser, ao passo que as pulsões de morte separam, isolam e reduzem o ser ao seu estado mais crispado e doloroso (Nasio, 2013).

Acima, Nasio (2013) distingue dois tipos de retorno do passado. O primeiro é saudável: um passado intenso, mas simbolizado, que retorna como expressão das pulsões de vida, ampliando e conectando o ser. Nestas relações, fazendo com que a vítima se sinta realizada dentro de tal relação amorosa. O segundo é patológico: o retorno de um trauma que não pôde ser elaborado, e que irrompe de forma violenta como expressão das pulsões de morte, isolando e contraindo o ser. O sentir que causa o adoecimento destas mulheres.

3.2 Prisioneira Do Que Adoece

Quando é relatado sobre a compulsão a repetir estas relações, surgem perguntas externas sobre a vítima que impactam não apenas no convívio da mesma, mas também no olhar externo e motivo de estar em algo tão maléfico para si. Por que estar em um local que ela sabe que não lhe faz bem? O que faria ela seguir esses mesmos padrões em todas as suas relações de afeto? A vítima de fato possui o “dedo podre” e só escolhe as pessoas erradas?

Rosner e Hermes (2009), em um de seus textos, relatam o fato de crianças buscarem repetir determinados jogos e passatempos por motivações que geram o gozo naquele instante, como se ser bom em tal dinâmica representasse o domínio de experiências traumáticas. Por exemplo, a criança buscar a repetição da brincadeira de “esconde-esconde” ou até defini-la como favorita, lhe daria o conforto de procurar, e principalmente, encontrar aquilo que deseja, nisso se enquadraria casos como medo de separações, abandonos e até mesmo lutos. A sensação de busca pelo prazer seria preenchida. Nem toda busca pelo gozo é saudável. Também é dito pelos autores no

mesmo texto: “A pulsão de morte pode ser questionável, mas a compulsão a repetir atos autodestrutivos é uma noção que é muito útil para ser descartada”.

> Quando está esfaimada, a mulher aceita qualquer substituto que lhe seja oferecido, incluindo-se aqueles que, como placebos, não fazem absolutamente nada por ela e os que são destrutivos e perigosos, que lhe fazem gastar seu tempo e seu talento de modo revoltante ou que expõem sua vida a perigos físicos. Trata-se de uma fome de alma que leva a mulher a optar por aquilo que a fará sair dançando descontrolada - e a levará também perto demais da porta do carrasco (Estés, 2018, p.164).

É dito por Freud, em O ego e o Id (1923, p.46), que existe um desvio da pulsão de morte para não causar destruição daquilo que tende a ser caótico para o ser, por isso, a pulsão de vida se mantem com maior força no interior do sujeito. Para que haja maior representação da pulsão de morte no externo, o que precisa ser expelido, se destrói. Já referenciando aos resquícios da pulsão de morte que se encontram no interior do sujeito, Freud (1923, p.48) dizia que era encontrada uma forma inconsciente de gerar uma descarga através da própria pulsão de vida, o que geraria uma neurose no indivíduo. Os resquícios dessa pulsão de morte resultariam em uma necessidade de punição do superego com o ego. Assim, gerando também, uma visão mais crítica e dura do sujeito consigo mesmo por se achar merecedor de sofrimentos e escolhas indesejáveis. Assim como a criança se submetia a realizar o que era pedido pelos pais em sua infância, quando mais velha, a mesma criança se vê na necessidade de se submeter ao que é ordenado pelo superego. Assim como, por se ver merecedora de sofrimento, a vítima se vê na necessidade de se submeter e obedecer aos requisitos da relação em que está inserida e servir ao companheiro por ele ser o genitor da criança inserida nesse elo.

> Toda vez que você diz para sua filha que grita com ela por amor, você a ensina a confundir raiva com carinho. O que parece uma boa ideia, até que ela cresce confiando em homens violentos porque eles são tão parecidos com você. -Aos pais que têm filhas (Kaur, 2017, p.19).

Além de fatores de repetições psíquicos, também é de relevância trazer o papel social quanto responsável por fatores externos que causem essa permanência. Assim como é trazido por Silva, D.A (2021, p.4), existem causas particulares externas que também são motivadoras nesse processo; finanças, filhos e imóveis são pontos que se encontram presentes nesse vínculo. É nítido o quanto a mulher ainda é vista como responsável afetiva pelo seu lar, e a quebra desse laço traria novas repressões sociais

que colocariam a mulher como vilã de sua própria historia. Desde crianças, mulheres são ensinadas que precisam se casar e ter filhos para de fato serem mulheres, e crescer com essa pré-definição gera novas cobranças e pretextos para continuar no local onde se pode de fato mostrar a feminilidade que o cenário social pede.

Se eu só posso ser uma mulher digna de respeito, ao lado de um homem, por que irei largar a única fidedignidade que possuo?

4 IMPACTOS DESTAS RELAÇÕES NO FEMININO

Nessa seção, apresentam-se os danos que uma mulher vítima de relacionamento abusivo vivencia. Dentre questões psicológicas e físicas. Em seguida, também é relatado o papel fundamental do psicólogo nesses casos, independente da abordagem seguida pelo profissional.

4.1 OS DANOS

Vivenciar uma relação de abusos está visceralmente relacionado à qualidade de vida e saúde mental das vítimas. O sexo feminino é o gênero de mais encontro em transtornos mentais, destes, tendo o abuso psíquico como motivo central. Estas vítimas apresentam transtornos de humor, depressivos e ansiosos com maior frequência. Também é valido relatar que a autoestima, confiança, precisão na tomada de decisões e sono, também são afetados com maior rigor (Romão, *et.al.* 2019, p.295).

> Por ser uma violência de difícil constatação, a vítima, por não conseguir compreendê-la, sofre em silêncio, transformando-o em diversos problemas mais graves, como depressão, fraqueza, baixa autoestima, insegurança e até mesmo suicídio (Oliveira, *et al.* 2016, p.9 *apud* Rosseto, *et al.* 2020, p.4).

De acordo com Huss (2011, p.251), a taxa de suicídio para mulheres que sofreram relações abusivas é mais alta perante as que não viveram tais abusos. A depressão se tornou um transtorno primário em mulheres que passaram por essas violências psicológicas. Diante destes casos, é fundamental que essas mulheres tenham o auxílio de profissionais que as ajudem tanto nas complicações físicas e psíquicas, quanto de forma integral.

Casos de violência doméstica possuem a Lei 11.340 – Maria da Penha como apoio e fonte de visibilidade a respeito da violência. Mas ainda no âmbito, é importante que haja métodos em que a saúde mental da vítima seja preservada. Foi adicionada uma ementa nessa mesma lei no ano de 2018 que configura:

> A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Brasil, 2018).

É dito por Lagerback (1995 *apud* Santos, 2018 p.17), que nesse contexto também é comum que aconteçam danos representados por sintomas psicossomáticos. Fraqueza física, dificuldades respiratórias, perda de apetite, irregularidade na pressão arterial e crises de choro espontâneas são exemplos destes sintomas. O que não é colocado para fora, acarretado por sofrimentos psicológicos, acaba afetando o funcionamento fisico do indivíduo.

4.2 O Papel Do Profissional De Psicologia Com As Vítimas

Agressões e abusos psicológicos afetam e marcam não apenas a relação da vítima consigo mesma, mas também, dela com o mundo. Dentre profissionais que devem ser buscados após estes danos, é inevitável que haja a presença de um psicólogo no processo de empoderamento e novas escolhas futuras. O profissional de psicologia deve atuar na compreensão e necessidade da vítima servir novamente para estas situações de violência e no sentido de permanecer em tais relacionamentos (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Atualmente, psicólogos estão e devem estar presentes nos diversos meios de proteção a essas vítimas, desde delegacias de proteção à mulher, como as clínicas com atendimento social.

> A rede de atendimento no âmbito da violência conjugal é composta por diferentes serviços, os quais, conforme já mencionado, devem atuar de maneira integrada. Dentre esses serviços, pode-se citar: Serviços de Saúde, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Hospitais, Casa Abrigo, CREAS, CRAS, Coordenadoria da Mulher, Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal da Mulher, Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Organizações não governamentais (ONGs), entre outros (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

De acordo com Hirigoyen (2006, p.182), “A pessoa sob jugo não é mais senhora de seus pensamentos, está literalmente invadida pelo psiquismo do parceiro e não tem mais um espaço mental próprio”. A dificuldade de mudança de realidade se mostra em um local distante para essas mulheres, é como se o único responsável por seus atos e destinos fosse o parceiro e ela necessitasse da presença dele para decidir novos momentos.

Também é relatado pela mesma autora (2006, p.183), que é preciso ajudar estas mulheres a verbalizarem e compreenderem o que foi vivenciado por elas, para assim, apurarem uma visão crítica de todos os ocorridos. Levar às vítimas a esse novo olhar sob o que aconteceu lhes traz uma nova fonte de proteção através de sua autoestima e olhar sobre si. Há um resgate e recomeço do que deve estabelecer essas experiências. A vítima, por meio desse processo, entende que a culpa dos atos e abusos não foi dela e sim do ex-companheiro. Lovelace (2017, p.110) traz um exemplo em uma de suas obras, que aborda esse processo de encontro da vitima com si mesma: “Foi preciso perdê-lo para finalmente encontrar a mim mesma. Foi preciso perdê-lo uma segunda vez para estar segura de mim mesma. Esse foi o meu primeiro ato de amor próprio”.

Conforme Abreu, et. al. (2021), as sequelas deixadas nestas vítimas geram impactos negativos para toda a vida, caso não sejam visualizadas. O papel da psicologia quanto ciência e profissão é permitir que os profissionais atuem por meio do acolhimento e restauração das vítimas. Não só o papel de entendimento dos abusos é visto, mas também, o cunho social e machista que gera esses males. É importante entender que a sociedade emprega um papel dominador nesse processo, e que é possível que haja desistências ou recusas com o processo psicoterápico, causadas pelas crenças sociais. O profissional de psicologia deve agir com neutralidade em todo processo, para não causar interferências que possam contribuir nesse papel dominante do social.

> As mulheres necessitam refletir sobre seu processo e seu tempo de tomada de atitude e mudança. Situações de violência podem se suceder nos contextos de vida da mulher, concomitante ao período em que se encontra em atendimento nos serviços. Esses fatos precisarão ser traduzidos para o conjunto de possibilidades no atendimento, sem manifestações de julgamento, pois essa tarefa irá desencadear posicionamento ético e técnicos conscientes e adequados (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

De acordo com a escritora e psicanalista Ana Suy (2022, p.32) “a gente aprende a se amar, sendo amado”. Tudo que uma vítima de relacionamento abusivo precisa para que a psicoterapia flua é encontrar o conforto de um novo renascimento. O ambiente precisa ser um útero que possa reconstruir o indivíduo de forma que ela seja a sua própria estrutura, fazendo que o seu amor sobre si gemine o crescimento e superação da criança adoecida.

Em uma das obras, Calligaris (2019, p.120) relata que o processo psicoterapeutico não tem a intenção de extrair o acontecimento traumático da vida do paciente, mas sim, fazer com que o mesmo se dê conta do que foi traumático e consiga estabelecer um estado de regularidade com o acontecimento e sua vida. O atendimento não diz respeito ao trauma, mas, ao que o sujeito fez de si após o ocorrido.

Independente da abordagem ou método escolhido para a realização dos atendimentos e do local de realização, é indispensável que haja a criação do vínculo terapêutico dentro do *setting*. A vítima precisará de um local de acolhimento seguro para assim se mostrar completa na presença do profissional. Quando o desligamento do agressor é trabalhado, há uma busca por identidade que só pode ser adquirida por meio dessa confiança com o psicólogo. Só é possível se reconhecer novamente, em um local onde a vítima pode se mostrar também, sem sua identidade anterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa foram apresentadas as principais características do que leva uma mulher a se prender em uma relação tóxica. Foram relatados impactos sociais e inconscientes, que causam não apenas um local de vitima perante a mulher violentada, mas também, ao decorrer de suas gerações. Foi possível perceber que esses fatores não interferem apenas nas relações afetivas dessas mulheres, mas também, em todo o seu cotidiano.

É importante ressaltar o papel social no comportamento desses homens, já que o poder que lhe é denominado faz que muitos exerçam papéis violentos para reafirmar a masculinidade que lhes foi proposta. Colocar uma mulher no papel de submissão e um homem no local de poder gera males para ambos os gêneros. Esse trabalho abordou a temática do abuso em relacionamentos amorosos monogâmicos e

heterossexuais, mas ainda vale ressaltar que esses abusos e violências também podem ocorrer e ocorrem em relacionamentos homoafetivos.

Encontrar-se perante a dependência de um parceiro retira não apenas a visão sobre si, mas também sobre o mundo. Dentre os contextos apresentados, cabe ressaltar a importância do profissional de psicologia e a importância de processos psicoterápicos que apresentem as circunstâncias desses elos. Se a mulher dependente não enxerga com clareza uma resolução para o conflito, mesmo que haja términos ou rompimentos de ciclos anteriores, existirão repetições e procuras pelo o que é faltante em todas as próximas relações. Mesmo que haja o fim do relacionamento com um homem que supra as necessidades que o desejo do Eu precise, a vítima irá buscar um novo parceiro semelhante, que também possua esse papel de preenchimento.

[1] Psicóloga CRP 02/29333, Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário da Vitoria de Santo Antão - UNIVISA, Pós-graduanda em Psicanalise e Psicologia Hospitalar pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante – FAVENI. E-mail: psi.danielessilva@gmail.com.
[2] Professor Orientador, Docente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Univeritário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA) e da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. Especializado em Administração Escolar e Planejamento Educacional, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Psicólogo CRP 02/10729. E-mail: carlosmarinho@univisa.edu.br.

REFERÊNCIAS

ABREU, E.V. et.al. A atuação do psicólogo em casos de violência doméstica no Brasil. **Revista Projetos Extensionistas**. vol.1. p.185-192. Julho de 2021. Disponível em: https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/RPE/article/download/501/265

ARENDT, H. **Da Violência**. 1º edição, 1985. Tradução: Maria Claudia Drummond, 2004. Disponível em: http://pavio.net/download/textos/ARENDT,%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%AAncia.pdf

BOM DIA, OBVIOUS. #204/seu trauma não te define. [Locução de]: Ediane Ribeiro. *[S. l.]*: **Obvious,** 28 ago.2023. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1RMwK1wuFdfhCxSZWJG81p. 57 minutos.

BRASIL. **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha),** Diário Oficial da União, Brasília: 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para a atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência.** 1º edição. Brasília: 2013. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta:** Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. São Paulo: Planeta. 2019.

DENZIN, N.K. LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed. 2006. Disponível em: https://bds.unb.br/handle/123456789/863

ESTÉS, C.P. **Mulheres que correm com os lobos.** 1º edição. Rio de Janeiro: Rocco. 2018.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2020.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clinica psicanalítica.** 1º edição. Belo Horizonte: 2017.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade e feminilidade.** 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos.** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos.** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4º edição. São Paulo: Atlas. 2008.

GUSMAN, M.C. DERZI, C.A. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. PEPSIC, **Subjetividades.** vol.21. Fortaleza: 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692021000100002&script=sci_arttext

HIRIGOYEN, M.F. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física.** 1º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 2006.

HUSS, T. **Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicações.** 1º edição. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** 1º edição. São Paulo: Planeta, 2017.

LOVELACE, Amanda. **A princesa salva a si mesma neste livro.** 1º edição. Recife: Leya, 2017.

MINAYO, M.C. **Pesquisa social.** 1º edição. Alagoas: Editora Vozes. 2011.

NASIO, J.D. **A Fantasia: O prazer de ler Lacan.** 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2007.

NASIO, J.D. **Por que repetimos os mesmos erros.** 2º edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2007.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais.** 3º edição. Rio de Janeiro: Rocco. 2011

OLIVEIRA, Marcella. **Melanie Klein e as fantasias inconscientes**. PEPSIC, Winnicott e-prints, vol.2. São Paulo: 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Salvador, Natal e Fortaleza lideram ranking de violência física contra as mulheres no Nordeste. **ONU Mulheres**, 2017. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/noticias/salvador-natal-e-fortaleza-lideram-ranking-de-violencia-fisica-contra-as-mulheres-no-nordeste/

ROMÃO, L.M. et al. Saúde Mental de Mulheres em situação de Violência Doméstica no Brasil: Uma Revisão Sistemática. **Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia.** vol.13. p.293-305. Outubro de 2019. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/1987/3165/8278

ROSNER, Stanley. HERMES, Patricia. **O ciclo da autossabotagem: por que repetimos atitudes que destroem nossos relacionamentos e nos fazem sofrer.** 1º edição. Rio de Janeiro: Best Seller Editora. 2009.

ROSSETTO, B.G. et al. **Consequências da violência psicológica em mulheres em relacionamento abusivo.** Araçatuba: 2020. p.12 Monografia (Bacharel em Psicologia) – Centro Universitário Católico Auxilium. Disponível em: https://unisalesiano.com.br/aracatuba/wp-content/uploads/2021/06/Artigo-Consequencias-da-Violencia-Psicologica-em-Mulheres-em-Relacionamento-Abusivo-Pronto.pdf

SALES, L.C.M. **Relacionamentos abusivos: funcionamento psíquico das mulheres sob a visão da psicanálise.** Paracatu: 2020. p.28 Monografia (Bacharel em Psicologia) – Centro Universitário Atenas. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/spic/monography/RELACIONAMENTOS_ABUSIVOS__funcionamento_psiquico_das_mulheres_sob_a_visao_da_psicanalise.pdf

SANTOS, M.F. **Os impactos da violência doméstica na saúde mental da mulher.** São Francisco do Conde: 2018. Monografia (Pós Graduação em Saúde da Família) – Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1961/1/2018_mono_marineidesantos.pdf

SILVA, A.F. et al. Elementos constitutivos da masculinidade ensinados/apreendidos na infância e adolescência de homens que estão sendo processados criminalmente por violência contra a mulher/parceira. SciELO, **Ciência e Saúde Coletiva.** vol.27. Bahia: 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/N5NZMqyRYxh763Fq3pPfzgS/abstract/?lang=pt

SILVA, D.A. **A Permanência Das Mulheres Em Relacionamentos Abusivos: Uma Revisão Narrativa De Literatura.** Núcleo do Conhecimento. vol.08, 4º edição, p.168-176. Abril de 2021. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/kalins-pdf/singles/relacionamentos-abusivos.pdf

SILVA, D. SILVA, R.L. violência contra as mulheres nos relaciomentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. **Humanidades e tecnologia.** vol.20. Goiás: 2020. Disponível em: http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/download/1008/727

SILVA, J.M. Das fantasias à fantasia fundamental: caso clínico. PEPSIC, **Estudos de Psicanálise.** vol.55. Belo Horizonte: 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100018

SILVA M.M, OLIVEIRA, G.S, SILVA, G.O. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **PRISMA,** vol.2. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em: chrome://external-file/45-Texto%20do%20artigo-135-1-10-20211225.pdf

SOARES. S.J. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda,** vol.1. p.168-180. Montes Claros: 2019. Disponível em: chrome://external-file/ciranda,+1593-5182-13-PB.pdf

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão.** 1º edição. Rio Grande do Sul: Paidós, 2022.

PINTO, Manoel C. **O livro de ouro da psicanálise**. 1º edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2019.

DIMENSÕES PSICANALÍTICAS DA ASMA BRÔNQUICA: DA PSICODINÂMICA CLÁSSICA ÀS ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO INTEGRADA

Fabiano Francys da Silva[1]



RESUMO

Este artigo examina a contribuição da psicanálise para a compreensão da asma brônquica, com ênfase nos aspectos psicodinâmicos e suas implicações clínicas, fundamentado no Capítulo 22 do livro “Psicossomática Hoje”, intitulado “Aspectos Psicossomáticos em Pacientes com Asma Brônquica”, de Alfred Lemle (1992). A análise clássica revela que as falhas no tratamento durante o período intercrítico estão intimamente ligadas à negligência do componente emocional, frequentemente expresso como resistência ao tratamento, transferência ambivalente e persistência da ansiedade. Revisitamos o conceito central de conflito em torno do choro reprimido (French & Alexander, 1941), integrado às bases neurofisiológicas da teoria vagal no broncoespasmo (Gold et al., 1972). Alinhado à literatura contemporânea, observa-se uma alta prevalência de comorbidades entre asma e transtornos ansioso-depressivos (Pessôa et al., 2021; Simões et al., 2018; Bhatt et al., 2025), que amplificam o descontrole da doença por meio de mecanismos psicofisiológicos. Conclui-se que o manejo eficaz da asma demanda um modelo integrado que transcenda a farmacoterapia, incorporando a habilidade do profissional para gerenciar transferência e contratransferência, além de intervenções psicodinâmicas ou cognitivo-comportamentais (Ross et al., 2005; Kew et al., 2016), visando a resolução de conflitos inconscientes, a melhoria da qualidade de vida e o controle sintomático.

Palavras-chave: Asma Brônquica. Psicanálise. Psicodinâmica. Transferência. Choro Reprimido.

1 INTRODUÇÃO

A asma brônquica constitui uma condição crônica multifatorial, caracterizada por inflamação das vias aéreas, hiper-reatividade brônquica e sintomas como sibilância, dispneia e tosse. Embora o tratamento contemporâneo priorize intervenções farmacológicas, a psicanálise oferece uma lente essencial para compreender o impacto do componente psicodinâmico no curso da doença, promovendo uma prática clínica integrada (Lemle, 1992). O fator psicodinâmico influencia ao menos três dimensões cruciais: 1) o desencadeamento das crises por tensões inconscientes; 2) a persistência e agravamento do sofrimento intercrítico, frequentemente mediado por defesas repressivas; e 3) a resistência ao

tratamento, manifestada como rupturas transferenciais na relação médico-paciente (Lemle, 1992).Estudos clássicos indicam que as falências terapêuticas na asma, definidas como ausência de melhoria na qualidade de vida, decorrem primordialmente da desconsideração desse componente psicodinâmico (Costa, 1977; Sant’Anna et al.,

1988). Em amostras ambulatoriais, cerca de 40% das falhas foram atribuídas a esse fator, incluindo ansiedade persistente, percepção distorcida de melhora e abandono do tratamento, frequentemente como expressão de uma relação transferencial deficiente (Costa, 1977). A relevância deste tema reside na formação de profissionais de saúde, particularmente psicólogos e psicanalistas, capazes de identificar e intervir na intricada interação entre mente e corpo, assegurando que o suporte psicodinâmico seja uma responsabilidade compartilhada pela equipe assistencial (Lemle, 1992; Bhatt et al., 2025).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O modelo psicanalítico da asma brônquica integra bases psicodinâmicas com mecanismos neurofisiológicos, conceituando a doença como uma expressão somática de conflitos inconscientes não resolvidos.

2.1. O Desencadeamento da Crise e as Bases Neuro-Psicodinâmicas

A participação de fatores psíquicos no desencadeamento das crises asmáticas é notável, ocorrendo em até 64,1% dos casos, frequentemente associada a tensões emocionais intensas como ansiedade, ódio ou medo (Williams, 1958; Lemle, 1992).

- **Teoria Vagal e Sugestão:** A fundação neurofisiológica reside na teoria vagal do espasmo brônquico, onde a ativação da porção anterior do hipotálamo, conectada aos centros límbicos, inicia respostas parassimpáticas que culminam em broncoconstrição (Lemle, 1992; Gold et al., 1972). Experimentos psicofisiológicos reforçam o papel da mente, demonstrando que sugestões hipnóticas ou placebo (como nebulizações de soro fisiológico apresentadas como alérgenos) podem induzir broncoespasmo em sujeitos asmáticos suscetíveis, ilustrando a conversão de impulsos inconscientes em sintomas somáticos (Luparello et al., 1968; Spector et al., 1976; Lemle, 1992).
- **Psiconeuroimunologia (PNI) e Perspectivas Contemporâneas:** A visão psicanalítica contemporânea aprofunda essa interconexão via PNI, onde o estresse psicológico crônico ativa os eixos hipotálamo-hipofisário-adrenal (HHA) e simpático-adrenal-medular (SAM), modulando respostas inflamatórias

nas vias aéreas (Chalmers et al., 2021; Bhatt et al., 2025). Conflitos inconscientes prolongados podem elevar citocinas pró-inflamatórias (IL-4, IL-5, IL-13), exacerbando a hiper-reatividade brônquica e refletindo uma defesa somática contra angústias reprimidas (Lemle, 1992; Rosenkranz et al., 2023). Estudos recentes destacam uma relação bidirecional entre asma e transtornos mentais, onde fatores psicodinâmicos como repressão emocional amplificam a vulnerabilidade imunológica (Bhatt et al., 2025; Thakur & Chaturvedi, 2025).

2.2. O Conflito Psicodinâmico Clássico: Choro Inibido e Transferência

A tradição psicanalítica, especialmente representada por French e Alexander (1941), propõe um perfil psicodinâmico dominante na asma, embora não exclusivo, centrado em traços de dependência e ambivalência relacional adquiridos na infância (Lemle, 1992; Knapp et al., 1976).

- O núcleo do conflito reside na inibição do choro, motivada pelo temor de rejeição por uma figura materna percebida como ambivalente – sedutora e rejeitadora simultaneamente (French & Alexander, 1941; Lemle, 1992). O pai, frequentemente visto como fraco ou subsumido à mãe, reforça essa dinâmica, fomentando uma introjeção de relações amor-rejeição que se transferem para figuras adultas, incluindo o médico (Mello, 1976).
- A crise asmática emerge como uma conversão somática de um choro reprimido, uma "linguagem corporal" para conflitos inconscientes não verbalizados (Deutsch, citado em Knapp et al., 1976; Lemle, 1992). Testes psicológicos clássicos, como o Maudsley Personality Inventory (MPI) e o Dynamic Personality Inventory (DPI), revelam traços de oralidade, dependência e ansiedade de separação em asmáticos, diferenciando-os de controles normais (Franks & Leigh, 1959; Glasburg et al., 1976; Knapp et al., 1976). Perspectivas recentes validam essa visão, associando alexitimia – dificuldade em identificar e expressar emoções – a pior qualidade de vida em asmáticos, interpretada como uma defesa repressiva contra angústias primitivas (Lago et al., 2023; Thakur & Chaturvedi, 2025).

2.3. Comorbidade e o Período Intercrítico: Sofrimento e Resistência

No período intercrítico, a persistência de sintomas e o sofrimento subjetivo frequentemente superam os achados clínicos objetivos, configurando uma desproporção psicodinâmica (Lemle, 1992; Costa, 1977). Literatura brasileira recente confirma alta comorbidade:

- Prevalência de ansiedade e/ou depressão em 53,5% de asmáticos moderados a graves, com impacto negativo no controle da doença (Pessôa et al., 2021).
- Asmáticos não controlados exibem maior ansiedade, sugerindo que estados emocionais reprimidos exacerbam a hiper-reatividade (Simões et al., 2018; Bhatt et al., 2025).
- Alexitimia associa-se a dificuldade em reconhecer exacerbações, refletindo uma falha na simbolização de afetos (Lago et al., 2023).

Esses padrões remetem a mecanismos de conversão e resistência, onde o sofrimento intercrítico mascara conflitos relacionais transferidos para o contexto terapêutico (Lemle, 1992; Rosenkranz et al., 2023).

3 DISCUSSÃO

A asma brônquica deve ser conceitualizada como uma manifestação psicossomática, onde rupturas homeostáticas são mediadas por vias neuroendócrinas e imunológicas, agravadas por conflitos inconscientes e dinâmicas relacionais (Lemle, 1992; Chalmers et al., 2021; Bhatt et al., 2025). O componente psicodinâmico não é periférico, mas central na patogênese e prognóstico, com falhas terapêuticas atribuídas à negligência emocional em até 48% dos casos (Costa, 1977). Essa ineficácia ecoa na alta comorbidade com ansiedade e depressão, que bidirecionalmente descontrolam a asma via mecanismos repressivos (Simões et al., 2018; Pessôa et al., 2021; Thakur & Chaturvedi, 2025).

A PNI valida o modelo psicanalítico, mapeando como o eixo HHA e SAM transformam angústias inconscientes em inflamação brônquica (Chalmers et al., 2021; Rosenkranz et al., 2023). O conflito do choro inibido (French & Alexander, 1941) oferece uma chave interpretativa para a resistência: transferências ambivalentes para o médico

manifestam-se como dependência, bajulação inicial seguida de desafios ou abandono, refletindo repetições compulsivas de rejeições maternas (Lemle, 1992; Mello, 1976).

O desafio da intervenção psicanalítica reside em dois eixos:

1. **Redirecionar a Relação com a Asma:** Promover "*insight*" sobre o uso inconsciente da doença como defesa contra angústias existenciais, desmistificando-a sem erradicá-la completamente. Casos ilustrativos, como o motorista que percebia piora apesar de melhoras espirométricas, revelam como sintomas mascaram desajustes relacionais (Lemle, 1992). Objetivos incluem conscientizar que o foco é no controle para uma vida plena, com medicação como garantia contra riscos vitais, mitigando repressão e conversão (Lemle, 1992; Bhatt et al., 2025).

2. **Construir uma Relação Terapêutica Madura:** Gerenciar transferência e contratransferência, neutralizando bajulações ou desafios sem interpretações prematuras. Reativações sintomáticas devem ser reavaliadas com interesse renovado, evitando fantasias de rejeição (Lemle, 1992). Intervenções psicodinâmicas, complementadas por TCC para reestruturação cognitiva de ansiedades (Ross et al., 2005; Kew et al., 2016), e avaliação de alexitimia (Lago et al., 2023) facilitam a simbolização de afetos, reduzindo broncoespasmo conversivo.

Estudos recentes reforçam a necessidade de abordagens integradas, onde fatores psicobiológicos como estresse crônico demandam intervenções que abordem raízes inconscientes para melhorar adesão e qualidade de vida (Rosenkranz et al., 2023; Thakur & Chaturvedi, 2025).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A asma brônquica transcende a inflamação brônquica, emergindo como uma inflamação psicossomática mediada por processos inconscientes, imunológicos e relacionais. Esta análise sublinha a imperiosa integração da psicanálise nos protocolos de manejo, elevando o cuidado psicológico de acessório a essencial. A

relevância para a psicologia reside na capacidade de elucidar o sofrimento intercrítico, transformando dinâmicas repressivas em *"insights"* maduros. Para futuros profissionais, isso exige domínio de técnicas como análise transferencial, mas sobretudo competência na gestão relacional de pacientes crônicos. Ao "colocar a asma no seu devido lugar" – desinstrumentalizando-a de papéis defensivos –, o psicanalista fomenta autonomia emocional, alterando a trajetória da doença. Em síntese, a psicanálise proporciona complexidade e humanização, elevando a excelência no cuidado asmático para uma maturidade relacional inalcançável sem integração plena do saber inconsciente.

[1] fabiano.202221025@univisa.edu.br - *UNIVISA – Centro Universitário da Vitória de Santo Antão, Dep. de Psicologia, Vitória de Santo Antão, PE*

REFERÊNCIAS

BHATT, N. et al. Interplay of psychological factors and bronchial asthma: a comprehensive review. **Monaldi Archives for Chest Disease**, 2025.

CHALMERS, C. L. et al. Stress and inflammation in exacerbations of asthma. Brain, **Behavior, & Immunity - Health**, v. 13, 2021.

COSTA, C. A. F. Estudos das falhas no tratamento da asma brônquica a curto prazo. **Jornal de Pneumologia**, v. 3, p. 26, 1977.

FRENCH, T. M.; ALEXANDER, F. Psychogenic factors in bronchial asthma. **Psychosomatic Medicine Monographs**, n. 4, p. 2, 1941.

GOLD, W. M.; KESSLER, G. F.; YU, D. Y. C. Role of the vagus nerves in experimental asthma in allergic dogs. **Journal of Applied Physiology**, v. 33, p. 719, 1972.

KEW, K. M. et al. Cognitive behavioural therapy (CBT) for adults and adolescents with asthma. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 5, 2016.

KNAPP, P. H. et al. Psychosomatic aspects of bronchial asthma. In: **WEISS, E. B.; SEGAL, M. S. (Eds.). Bronchial asthma**. Boston: Little, Brown, 1976.

LAGO, V. et al. Alexithymia and asthma: a systematic review. **Frontiers in Psychology**, v. 14, 2023.

LEMLE, A. Aspectos psicossomáticos em pacientes com asma brônquica. In: MELLO FILHO, J.; BURD, M. (Eds.). **Psicossomática hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 303-317.

LUPARELLO, T. I. et al. Influences of suggestion on airways reactivity in asthmatic subjects. **Psychosomatic Medicine**, v. 30, p. 819, 1968.

MELLO, J. F. Concepção psicossomática: visão atual. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, 1988.

PESSÔA, C. L. C. et al. Impacto da ansiedade e depressão no controle da asma. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 25, n. 4, p. 235-241, 2021.

ROSENKRANZ, M. A. et al. Asthma: Biomedical and Psychobiological Perspectives. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, 2023.

ROSS, C. J. M. et al. Cognitive-Behavioral Treatment Combined With Asthma Education for Adults With Asthma and Coexisting Panic Disorder. **Clinical Nursing Research**, v. 14, n. 2, p. 111-137, 2005.

SANT'ANNA, N. M. M. et al. Falhas no tratamento de asmático no período intercrítico. **Jornal de Pneumologia**, v. 14 (Supl. 1), p. 7, 1988.

SIMÕES, A. C. A. M. et al. Ansiedade e depressão em pacientes com asma: impacto no controle da asma. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 44, n. 5, p. 367-372, 2018.

SPECTOR, S. et al. Response of asthmatics to methacholine and suggestion. **American Review of Respiratory Disease**, v. 113, p. 43, 1976.

THAKUR, S.; CHATURVEDI, R. Review on the relationship of asthma and mental disorders. **Integrative Medicine in Respiratory Diseases**, v. 1, 2025.

WILLIAMS, D. A. et al. Assessment of the relative importance of the allergic, infective and psychological factors in asthma. **Acta Allergologica**, v. 12, p. 376-395, 1958.



O PAPEL DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DO SELF: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Wellyana Rebeca Silva Domingos[1]
Geny Alexandre dos Santos[2]

INTRODUÇÃO

A infância é um período crucial para o desenvolvimento da personalidade, onde o brincar desempenha um papel estruturante. O lúdico permite à criança expressar conflitos internos e elaborar experiências emocionais, funcionando como uma linguagem fundamental para a elaboração de afetos. Dito de maneira enfática por Winnicott (1975, p. 80) “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) integral”. Este estudo investiga como o brincar facilita a expressão de desejos reprimidos, a resolução de tensões psíquicas e a construção de relações interpessoais, contribuindo para a formação do self.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia consistiu em uma revisão de literatura qualitativa. O livro "Psicanálise com Crianças" (2010), de Teresinha Costa, nos serviu como referência geral, mas tivemos em O brincar e a realidade de Donald Winnicott, nossa referência principal, por ele desenvolver uma profunda categorização teórica entre o brincar e a construção do self . A busca foi realizada na base SciELO, utilizando os descritores 'Psicanálise', 'infância', 'desenvolvimento' e 'projeção', restrita a artigos publicados entre 2014 e 2024, em Português, Inglês ou Espanhol. A análise focou nas experiências relacionadas ao brincar, resultando na seleção de 4 publicações que fundamentaram a discussão, além das obras já referenciadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que o brincar ocupa um papel central no desenvolvimento da personalidade infantil sob a perspectiva psicanalítica.

O jogo simbólico emerge como um espaço de projeção e elaboração de conflitos, em que mecanismos de defesa são mobilizados para a resolução de tensões emocionais.

As experiências lúdicas influenciam diretamente a autoimagem da criança, moldando suas expectativas acerca de si mesma e de seu ambiente.

Nesse sentido, o brincar não apenas reflete, mas também constitui a identidade infantil, funcionando como meio de integração entre realidade interna e externa. Essa dinâmica corrobora a concepção de que o jogo é a principal via de comunicação da criança, reforçando a importância de práticas lúdicas no contexto terapêutico e educacional como instrumento de desenvolvimento emocional e de fortalecimento do self.

CONCLUSÃO

O brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, moldando a autoimagem e a construção do self. Por meio do jogo simbólico, as crianças expressam conflitos e integram suas realidades internas e externas. Assim, práticas lúdicas são essenciais em contextos terapêuticos e educacionais, pois a infância constitui o solo da identidade do futuro adulto.

1 Discente do curso bacharelado em Psicologia do Centro Univrsitário Tabosa de Almeida (Asces-unita).
2 Docente do curso bacharelado de Psicologia do Centro universitário Tabosa de Almeida (Asces-unita).

REFERÊNCIAS

COSTA, Teresinha. Psicanálise com crianças. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DONALD, Woods Winnicott. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FERNANDES, Julia Braga do P.; PEIXOTO, Carlos Augusto. Apego e comunicação: considerando o desenvolvimento infantil sob a ótica da etologia e da psicanálise. Psicologia USP, v. 32, p. e190144, 2021.

PINTO, Elza Rocha. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 17, p. 135-153, 2014.

A ACOLHIDA DO ANALISANTE E O SINGULAR NO SETTING ANALÍTICO

Getulio Amaral Júnior[1]



A origem da palavra acolher vem de ACOLLIGERE, “levar em consideração, receber, acolher”. Destacando, pois, o sentido literário e levar em consideração é estar presente no ato da escuta, a maior forma de acolhida pela Psicanálise, é estar aberto a ouvir o encontro e o desencontro de quem nos demanda uma análise. É o analista reclinar sobre o que está sendo dito e como está sendo dito, os significantes mobilizadores do sujeito com sua história, suas vicissitudes, seus hiatos, suas incompreensões. É dar guarida a uma fala que vai se transformando ao longo do processo analítico de uma fala balizada pela lógica da comunicação estabelecida pelo social, através de convenções, polidez, comprometimento com o bem dizer, passando para um outro estado de fala, a fala do dispositivo freudiano da livre associação.

Livre associação em que o sujeito é incitado a falar tudo sem filtros, sem compromisso com razão, lógicas e falar coisas que o sujeito ao se ver envolvido no processo de análise descobre-se que tem algo nele que por mais que ele fale, ele também é falado pela dimensão da outra cena: o inconsciente, descobrir que sua descontinuidade é uma continuidade não dada a ser vista mas que no processo, revela-se radical, intrusiva, que o ultrapassa.

O sujeito vai saindo do sintoma como algo exterior para descobrir que o sintoma é um signo que precisa ser falado e converter-se em significante onde o sujeito que fala, passa de sujeito do enunciado para sujeito de enunciação.

A acolhida do analista é singular pois na sua acolhida, no seu ato de acolher, de resgatar o sujeito falado pelo Outro, agora vê-se como aquele que emprestou sua subjetividade à alienação seja: familiar, escolar, religiosa, grupos sociais, relações afetivas e tutti quantti para a revirada moebiana de falar de si, esse “si”, é um universo com angústias mas que o eleva a uma condição singular.

Essa junção da fala do analisante que se converte no bem dizer para dizer bem, ou seja, dizer o que nunca disse, muitas vezes nem mesmo a si, abre-se o dispositivo para que o analista em suas pontuações, interjeições, perguntas, interpretações, dê-se o fenômeno da transferência, fenômeno esse que não foi inventado pela Psicanálise mas que foi elevado a nível de conceito-práxis onde o analisante no passeio das diversas sessões coloca o analista na suposição de saber, um saber que é dirigido pelas falas que tropeçam do analisante e que falam mais do que ele imaginava. Ao corcel do tropeço da fala está lá o analista garimpando aquilo que o sujeito instituía como estranho, enigmático e devolve ao analisante. A fala passa pela escuta do analista e retorna para o analisante que se horroriza com a inconsistência de sua condescendência de ter apenas o lado claro.

Como diz Caetano Veloso:

Existe alguém em nós
Em muitos dentre nós
Esse alguém
Que brilha mais do que
Milhões de sóis
E que a escuridão
Conhece também...

A escuta engajada do analista que não se escraviza aos fatos mas nos hiatos dos fatos narrados estatui uma luz na condição das censuras que o analisante se agarrava e que o desafia pois, muitas vezes ele não entende porque tudo está tão bem e à revelia ele não se sente bem. A pergunta sulfurosa de Lacan : o que queres? Designa uma direção de tratamento em que o sujeito sai do gozo do sintoma para o desejo que ele teme mas que é sua essência.

O singular como uma singularidade na astronomia acontece: o analisante vem com seu sintoma e o analista aponta: é, na verdade, sua angústia.

1 Psicólogo e psicanalista. Especialista em teoria psicanalítica de orientação lacaniana, supervisor clínico. Psicologia na UEPB.

ASP | ASSOCIAÇÃO SABER PSICANALÍTICO